



Desistir não era uma opção para Heidi Solomon. “Eu o amava”, diz ela sobre o filho adotivo.

Sete anos num orfanato romeno deixaram Daniel traumatizado e violento. Mas sua nova família conseguiu curá-lo...

Aprendendo

POR VINCE BEISER



a **AMAR**

Na bancada da cozinha de sua casa num subúrbio de Cleveland, Estados Unidos, Heidi Solomon fatiava o queijo para o sanduíche do filho de 10 anos. Era uma tarde comum de abril – tão comum quanto qualquer outra dos três tumultuados anos desde que ela e o marido, Rick, adotaram Daniel. “Não quero isso”, dizia o garoto, irritado. Heidi, uma mulher esguia, pouco mais alta do que Daniel, de 1,50 m, não respondeu. Sabia que a hostilidade do filho não tinha nada a ver com ela.

Ainda assim, Heidi não estava preparada para o que iria acontecer em seguida. Com raiva, Daniel pegou do balcão uma faca e encostou-a na garganta dela.

Até sua adoção, Daniel – nascido Florin-Daniel Bica – nunca tivera um par de sapatos, jamais havia sido educado, e nunca recebera sequer um abraço. Ele não sabia se tinha pais. Através de uma única janela, podia ver o mundo além do quarto do orfanato compartilhado com dezenas de garotos. “À noite, víamos as luzes da cidade”, lembra ele, agora com 18 anos. “Eu ficava imaginando o que seria aquilo tudo.”

Até ser adotado, jamais alguém **havia abraçado ou contado uma história para Daniel.**

Daniel passara os primeiros anos de vida num orfanato que parecia uma prisão. Embora fosse amoroso quando os Solomons o adotaram, com o tempo seu comportamento piorou. Quebrava brinquedos, atacava outras crianças e, por fim, foi expulso da escola e encaminhado a um hospital psiquiátrico.

Foi então que, num dia de outubro de 1996, um homem o conduziu do orfanato até um carro que o esperava. “Eu não tinha ideia do que estava acontecendo”, conta Daniel. “Parecia um sonho.” Em pouco tempo, ele estava num aeroporto, e o homem o mandava cumprimentar um casal. Heidi come-

çou a chorar ao ver aquele menino de casaco azul que acenou com timidez. “Foi aí que teve início minha segunda vida”, diz Daniel, com um sorriso.

Aos 15 anos, Heidi havia se comprometido a adotar uma criança. Tomou essa decisão depois de se mudar para Maryland a fim de, por três anos, treinar como ginasta. Durante esse período, morou com sete famílias diferentes e, em geral, se sentia mais um fardo do que uma convidada. Quando voltou para casa, em Ohio, percebeu a importância da família. “Decidi não ter filhos biológicos, pois há muitos por aí precisando de ajuda”, conta ela.

Tornou-se professora de alunos portadores de necessidades especiais, trabalhando com gangues e crianças com problemas emocionais. Rick, que trabalha com *marketing* em uma empresa de máquinas de venda automática, não estava tão entusiasmado com a adoção, mas concordou como parte do pacote ao se casar com Heidi.

Pouco depois do casamento, em 1994, o casal iniciou o processo de adoção em outros países. Certa noite, ao folhear o catálogo de uma agência, Heidi se deteve diante da foto de uma criança sorridente com pele cor de caramelo e cabelos negros. “Eu disse a Rick: ‘Este é o nosso filho’”, lembra ela.



Na ocasião, o garoto vivia num austero orfanato em Beclean, Romênia. Os funcionários alimentavam e limpavam as crianças, e, às vezes, batiam nelas com varetas; fora isso, deixavam que se virassem sozinhas.

Nos primeiros seis meses em sua nova casa, Daniel parecia se adaptar bem. Fascinado pelo universo desconhecido, adorou falar ao telefone e, com a nova mãe, aprender a nadar. Mas já apresentava sinais de problemas: tinha acessos de raiva e não conseguia dormir sozinho. Embora entendesse várias palavras em inglês, ainda se comunicava com dificuldade quando entrou na primeira série da escola pública local.

No dia em que completou 8 anos, porém, algo mudou. Foi durante a festa de aniversário organizada pelos pais – a primeira em sua vida – que Daniel



**O irmão de Daniel,
A. J., adotado da
Ucrânia, também teve
problemas emocionais.**

percebeu claramente que alguém o trouxera ao mundo e depois o abandonara. O pensamento tomou conta dele com fúria. “Na minha imaginação, Heidi e Rick tinham me abandonado durante sete anos e, depois, me trazido de volta e tentavam agir como se nada tivesse acontecido”, conta Daniel. Eles explicaram várias vezes que não eram seus pais biológicos, mas Daniel não se convencia. “Não me importava o que dissessem”, explica. “A raiva tomou conta de mim.”

Ele irrompia em acessos que duravam horas, atirando qualquer coisa que suas mãos alcançassem e cavando buracos nas paredes da casa inteira. Por

fim, Heidi e Rick tiraram tudo de seu quarto, exceto um colchão. Mas as explosões pioraram. Quando Daniel completou 10 anos, os pais lhe deram um cãozinho, que o menino imediatamente tentou estrangular. No mês seguinte, Daniel voltou da sinagoga num carro da polícia, depois de agredir um grupo de crianças com uma pá.

Os Solomons recorreram a terapeutas; Daniel mordeu um na barriga, deixando um corte de oito centímetros. Por três vezes, foi enviado a um hospital psiquiátrico, uma delas depois de ameaçar o diretor da escola com um caco de vidro. As internações apenas aumentavam sua raiva. “Antes ele sen-

tia uma frustração que aumentava progressivamente”, diz Heidi. “Mas, depois de ter estado no hospital, tornou-se deliberadamente violento.”

Heidi era o alvo preferido de Daniel. Ele chegou a sorrir depois de golpeá-la com a cabeça e ver o hematoma ao redor do olho da mãe. Atingiu-a com um taco de golfe, e, mais de uma vez, quando Rick não estava em casa, Heidi pediu socorro à polícia. Talvez a única pessoa que Daniel odiava tanto quanto Heidi era ele mesmo. Falava em suicídio com frequência e fez várias tentativas, ao pular de janelas ou árvores.

A família começou a ruir: Rick falava em ir embora e Heidi se consumia em culpa. Especialistas em saúde mental, amigos e parentes diziam a Heidi que não havia esperança, que Daniel nunca a amaria e que ela deveria abrir mão dele. Mas Heidi se recusava a desistir. “Sabia que o motivo era o que lhe havia acontecido. E sabia que ele precisava de uma família. Daniel é meu filho. Nunca questionei isso.”

No dia em que Daniel lhe apontou uma faca, Heidi, treinada para lidar com alunos violentos, não demonstrou emoção. Retirou a faca das mãos dele com um golpe, e ele recuou. Foi o fim da crise. Só mais tarde ela se permitiu pensar no que poderia ter acontecido. Daniel era um menino franzino de 10 anos, mas estava crescendo. Heidi sabia que não

poderiam continuar a viver daquela maneira. Até então, vários medicamentos psicotrópicos haviam sido prescritos para o garoto. Alguns foram inúteis; outros pareceram ajudar a estabilizar suas violentas mudanças de humor. Nenhum deles, porém, pôde tratar seu diagnóstico mais grave: transtorno de apego reativo, doença que impede o paciente de criar vínculos com outras pessoas.

“Uma criança portadora desse transtorno acredita que é má, indesejada, desprezada e impossível de ser amada”, escreveram os psicoterapeutas Terry Levy e Michael Orlans numa publicação médica que Heidi encontrou na Internet. O resultado é uma profunda sensação de alienação que gera raiva e violência. Em resumo: Daniel era incapaz de amar. Embora raro, o transtorno costuma ser encontrado em crianças que sofrem abusos.

Nos últimos anos, sob enorme pressão de governos ocidentais e com a ajuda de organizações sem fins lucrativos, a Romênia tem tomado providências para melhorar o cuidado com suas crianças abandonadas. Embora as condições em algumas instituições ainda sejam terríveis, o Romanian Children's Relief (Alívio para Crianças Romanas), grupo com sede nos Estados Unidos que trabalha na região, ajudou a fechar muitos dos piores orfanatos. Agora, o orfanato em que Daniel viveu foi modernizado para se assemelhar a um alojamento universitário.

Essas mudanças chegaram muito tarde para ajudar Daniel, e o tratamento do transtorno de apego reativo pode

Durante dois meses, Heidi **deveria ficar a um metro de distância de Daniel.**

ser não apenas difícil, mas também polêmico. Algumas versões de terapia de vinculação, como é chamada, envolvem imobilização física. Em 2000, uma menina de 10 anos foi sufocada até a morte no Colorado por dois terapeutas, atualmente presos, que a enrolaram num lençol de flanela como parte de um suposto “renascimento” para a cura.

Em 1999, Heidi estava disposta a tomar medidas drásticas. Encontrou em contato com Ronald Federici, neuropsicólogo que prescreveu um tratamento mais brando, porém rigoroso. Por dois meses, Heidi ficaria a um metro de distância de Daniel o tempo todo. Ele não deveria pedir nada, apenas aceitar a comida e as roupas que ela lhe desse. E o mais importante: era necessário que ele fizesse contato visual todas as vezes que os dois interagissem. A ideia era recriar o laço mãe-bebê que os dois nunca haviam desenvolvido.

“Durante as primeiras semanas, eu odiava minha mãe tanto quanto é possível odiar uma pessoa”, conta Daniel. Com o tempo, ele começou a mudar. Passou a entender que Heidi e Rick não eram seus pais biológicos, e, de

alguma forma, a afeição intensa fez com que ele se conscientizasse. A raiva se dissipou. Após oito semanas, seus surtos violentos cessaram e ele parou de tentar se machucar.

Apesar disso, as emoções tumultuadas de Daniel se manifestavam de formas diferentes, e ele passou a ter um comportamento passivo-agressivo: jantava o mais devagar possível e começou a roubar objetos. Mas, em comparação com o que Heidi e Rick haviam passado, isso parecia controlável. O casal então fez algo que até Rick chamou de insano: adotou outro menino órfão do Leste Europeu. Alexander Joseph – A. J. –, de 2 anos, chegou da Ucrânia para se unir à família quando Daniel estava com 12 anos.

Imediatamente, Daniel sentiu ciúmes. Começou a brincar com fósforos e, em determinado momento, ameaçou se matar. Desesperados, Heidi e Rick tentaram outro tipo de terapia de vinculação. Todas as noites, sentavam Daniel, na ocasião com 13 anos, no colo de um deles. Davam-lhe sorvete e não o deixavam sair até que fizesse contato visual e conversasse com os pais. Não houve grandes avanços, mas, durante meses com o ritual, combinado com terapia profissional intensiva, Daniel apresentou uma transformação.

Passou a valorizar tudo o que os pais haviam feito por ele e a perceber que o amavam. Começou a se abrir, parou de roubar e fez algumas amizades. E sua relação com A. J., que lutava com seus próprios problemas de comportamento – inclusive hiperatividade e uma versão branda do transtorno de apego reativo –, melhorou. Daniel sentiu orgulho do papel de irmão mais velho, e, às vezes, até cuidava de A. J.

Com o incentivo de Heidi, também começou a ajudar outras pessoas. Tornou-se líder do grupo jovem da sinagoga, construiu casas com o grupo Habitat for Humanity (Hábitat para a Humanidade) e começou a treinar como bombeiro voluntário. Há dois anos, para espanto de todos, foi premiado na sinagoga como aluno destaque da escola. Recebeu o prêmio

com um discurso para 300 pessoas. Nele, Daniel falou do início de sua vida no orfanato e agradeceu toda a mudança a Heidi e Rick. Em seguida, com a voz embargada, falou as palavras que os pais temiam nunca ouvir de sua boca: “Amo vocês.”

“Foi, sem dúvida, o momento mais incrível da minha vida”, afirma Heidi.

A batalha ainda não terminou para Daniel, que ainda faz terapia e, embora seja perfeitamente articulado para conversar, apresenta dificuldade de ler e escrever. Apesar disso, deve concluir o ensino médio. A faculdade não é uma opção realista, mas Daniel tem outros planos: espera se tornar bombeiro profissional. Por experiência própria, aprendeu o que significa dar – e até arriscar – tudo por alguém. E agora pretende colocar essa lição em prática.

POR QUE PROFESSORES PRECISAM DE FÉRIAS

O assunto de nossa aula de Ciências era Dolly, a ovelha clonada na Escócia. Discutimos como os cientistas removeram o núcleo do óvulo da ovelha e o substituíram pelo núcleo da célula do pai. Os estudantes ficaram fascinados, um em particular:

– Isto é surpreendente – disse ele. – Eu não sabia que ovelhas botavam óvulos.

Aimee Caruso, EUA

– **Olá, Sra. Miller** – disse um homem de barba. Meu marido e eu olhamos para ele, mas nada nos veio à cabeça.

– Desculpe-me, nos conhecemos? – perguntei.

– Sim, a senhora *mim* deu aula *di ingreis*.

Inclinando-se para mim, meu marido sussurrou:

– Bom trabalho, querida. Bom trabalho.

Elizabeth Miller, EUA

